

## O PROTAGONISMO DOCENTE: UMA ELUCIDAÇÃO BIBLIOGRÁFICA CONDUZIDA A PEDAGOGIA FREIRIANA

Claudison de Lima Barbosa<sup>1</sup>

Guilherme de França Sales<sup>2</sup>

Luana Cardoso da Silva<sup>3</sup>

### RESUMO:

O presente trabalho apresenta a concepção de um grupo de estudantes com relação ao Protagonismo Docente, observando a pedagogia freiriana a partir de uma Revisão Bibliográfica. Esse trabalho, faz parte das atividades metodológicas da disciplina de “Fundamentos Socio-históricos da Educação” do curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba/campus IV. O trabalho foi realizado como um artigo, o qual se inicia, apresentando a educação atual como um complexo desafio que precisa de reflexões mais abrangentes para haver uma educação significativa e inclusiva. Foi proposto uma análise, tendo como base a pedagogia freiriana, trazendo inicialmente o método tradicional de ensino e os seus reflexos na educação. Em seguida, a análise parte para a contextualização da Pedagogia Freiriana, tendo como base a “Pedagogia da Autonomia”, de Freire (1996) e complementando essa análise com as ideias de Bulgræn (2010) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001). O artigo também traz a análise dos desafios e perspectivas do Protagonismo Docente, tendo como base a bibliografia de Dewey (1916), Piaget (1926), Vygotsky (1978), Demo (1994 - 1998), Freire (1996), Arendt (1958), Brasil (2020), Duarte (2018), Leão (1999), Libâneo (1994), Volkweiss (2019) e Nóvoa (1992). Ao final da revisão bibliográfica contida nesse artigo, foi possível observar que a pedagogia tradicional vive até hoje, sua raiz foi de uma força muito grande e mantém essa influência atualmente. Dessa forma, é necessário que o professor seja mais do que um transferidor de conteúdo, mas auxilie os estudantes a pensar, criticar e dialogar. Foi observado o verdadeiro papel do professor mediador em suas ações, almejando um ensino que fortaleça os conhecimentos construídos e elaborados pela humanidade ao longo da história, e assim, possam contribuir na formação de uma sociedade pensante.

**Palavras Chave:** Pedagogia Freiriana, Ensino tradicional, Protagonismo Docente.

### INTRODUÇÃO

A educação contemporânea enfrenta desafios complexos que demandam uma reflexão profunda sobre o papel do educador e as práticas pedagógicas adotadas. Nesse contexto, o protagonismo docente emerge como um conceito fundamental, destacando a importância do papel ativo e transformador dos professores na construção de uma educação significativa e inclusiva.

Este artigo, por meio de um estudo bibliográfico, propõe uma análise abrangente do protagonismo docente à luz da pedagogia freiriana, explorando as contribuições teóricas e práticas de Paulo Freire, bem como de outros autores relevantes, para a formação de educadores comprometidos com uma prática educativa libertadora e democrática.

Paulo Freire, renomado educador, filósofo e escritor brasileiro, é reconhecido mundialmente por suas contribuições para a pedagogia crítica. Sua obra mais famosa, *Pedagogia do Oprimido*, publicada em 1968, revolucionou a forma como muitos pensavam sobre o processo educativo.

1 Graduando em Letras Língua Portuguesa na Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. E-mail: [Claudison.lima@gmail.com](mailto:Claudison.lima@gmail.com)

2 Graduando em Letras Língua Portuguesa na Universidade Federal da Paraíba – UFPB. E-mail: [guilhermefranca193@gmail.com](mailto:guilhermefranca193@gmail.com)

3 Prof. Especialista pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. E-mail: [luanacardoso704@gmail.com](mailto:luanacardoso704@gmail.com)

Em *Pedagogia da Autonomia*, publicada em 1996, Freire expande suas reflexões sobre a prática educativa, oferecendo orientações valiosas para educadores comprometidos com a formação de sujeitos autônomos e críticos. Neste livro, ele destaca a importância da autonomia do educando e do educador como elemento central do processo educativo, propondo uma abordagem pedagógica baseada na práxis, no diálogo e na conscientização.

Além de Paulo Freire, outros autores serão abordados ao longo deste artigo para enriquecer a compreensão do tema. Suas contribuições serão fundamentais para uma análise crítica e abrangente do protagonismo docente e suas implicações na prática educativa. Ao longo deste trabalho, examinaremos os principais conceitos e reflexões presentes na obra *Pedagogia da Autonomia* e de outros autores, relacionando-os ao conceito de protagonismo docente. Além disso, destacaremos a importância do diálogo, da autonomia do educando e da práxis pedagógica como elementos fundamentais para uma educação libertadora e democrática.

Os temas abordados neste artigo serão organizados em três tópicos principais. No primeiro tópico, exploraremos os métodos tradicionais de ensino, que predominaram por muito tempo nas práticas educativas, caracterizados pela transmissão unidirecional de conhecimento, pouca interação entre professor e aluno, e ênfase na memorização e reprodução de conteúdo.

No segundo tópico aqui, aprofundaremos nossa compreensão da pedagogia freiriana, destacando os princípios fundamentais propostos por Paulo Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia*. Abordaremos temas como diálogo, práxis pedagógicas e a valorização dos saberes prévios dos alunos.

No último tópico, discutiremos os desafios enfrentados pelos educadores na promoção do protagonismo docente e as perspectivas para superá-los. Analisaremos questões como resistência institucional à mudança, escassez de recursos educacionais e o papel das políticas educacionais na promoção do protagonismo docente.

Através da análise desses tópicos e das contribuições de diversos autores, esperamos fornecer insights teóricos e práticos, que possam inspirar reflexões e ações concretas para promover uma educação mais democrática, inclusiva e transformadora. Mediante ao exposto, a seguir aprofundaremos nos métodos tradicionais de ensino, que servirá como ponto de partida crucial para nossa compreensão do protagonismo docente.

## **MÉTODO TRADICIONAL DE ENSINO**

O protagonismo docente se traduz a um dos aspectos primordiais de vislumbrar no professor a capacidade de se colocar como formador de seus pares e desenvolver propostas de formação continuada com autonomia, dinamismo, criatividade e reflexão a partir da sua prática. Porém, antes de adentrarmos nesse viés de pensamento, devemos voltar um pouco no tempo lembrando como era o método de ensino antes da proposta pedagógica Freiriana. É fundamental termos esse contra ponto para entendermos alguns processos de evolução na educação, desde o método tradicional de ensino, dando seguimento aos métodos que revolucionou positivamente a educação, direcionado a pedagogia Freiriana.

A educação aos longos dos anos constituiu em processos heterogêneos que repercutiu em transformações sociais, culturais e tecnológicas nas civilizações. Sabemos que as tecnologias anos atrás não tinham a mesma proporção como atualmente. A tecnologia se traduzia como um produto

ainda em aprimoramento.

Quando falamos do sistema tradicional de ensino, levamos em consideração que o educador é a figura central e o único detentor do conhecimento. Por sua vez, reduzindo o estudante a um mero espectador em sua aula. No início do século XIX surgem os sistemas nacionais de ensino e se embasavam no que dizia que a educação é direito de todos e dever do estado, como afirma a Constituição (2020): “Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada como a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (Brasil, 2020, p. 109).

À vista disso, a educação é um princípio fundamental para uma sociedade, estabelecendo garantir aos indivíduos uma educação de qualidade por direito e sendo dever do estado propiciar meios e incentivos, para que assim, sejam cumpridos, visando o seu preparo para efetivar o exercício da cidadania. No ensino tradicional a educação é visada diretamente no orientador. Ele instituiu uma aula no qual o educando tinha a obrigação de cumprir as regras imposta pelo professor e também seguindo um sistema de ensino conteudista, no qual a transmissão dos conteúdos direcionava a memorização. De acordo com Denise Leão (1999):

“A abordagem tradicional do ensino parte do pressuposto que a inteligência é uma faculdade que torna o homem capaz de armazenar informações, das mais simples, às mais complexas. Nessa perspectiva é preciso decompor a realidade a ser estudada com o objetivo de simplificar o patrimônio de conhecimento a ser transmitido ao aluno que, por sua vez, deve armazenar tão somente os resultados do processo” (Leão, 1999, p. 190)

Entretanto, a educação deu avanços, desvinculando-se dos conteúdos memorizados, pois metodologicamente ela é abrupta e momentânea. Com o passar do tempo todo o aprendizado era esquecido, e logo não havia aprendido. Devemos pensar sempre vencer as barreiras da ignorância e do comodismo no ensino. “A escola não atrai seus alunos. Para isso precisa se reinventar e tornar-se mais cativante, atraente e, por que não, mais dinâmica ao olhar do educando” (Duarte, 2018, p. 09). Devemos, enquanto docentes, instigar os educandos a pensar por si só, dialogar e serem críticos ativos no meio social. Nesse sentido, fato este que, não deixemos a alienação garantir espaços no âmbito escolar, e sim propiciar na escola, uma educação de qualidade, construtiva, interativa e que produza saberes, promovendo o pleno desenvolvimento do indivíduo como cidadão.

O papel da escola tradicional é propriamente destinar ao educando desenvolver por seu próprio mérito, articulado pelos conhecimentos obtidos a partir do docente, de uma forma extremamente mecânica e conteudista. Nesse sentido, as particularidades apresentadas pelos educandos não eram respeitadas. Praticamente o educando tornavam-se independentes das especificidades e o professor seria o dono do saber e do conhecimento. Deixa-se assim vigente, a configuração do professor como sujeito ativo, e o aluno como sujeito passivo. Sujeito este, que deveria apenas receber o conhecimento e por si só, desenvolvendo suas características sociais, políticas e humanas.

Podemos observar que o professor, não se preocupava com o desenvolvimento da aprendizagem do estudante e sim com o conteúdo repassado em sala de aula. Como exemplifica Volkweiss (2019):

“Professores que não são protagonistas dificilmente instigarão seus alunos a sê-los. [...] há muitos professores que apenas repassam aulas copiadas, utilizam-se de textos prontos, escritos por outros alguém, sem pouco ou nada a acrescentar ou refletir. Não se posicionam criticamente frente a fatos, situações, apenas expõem, de forma quase mecânica, uma seleção de conteúdos muitas vezes descontextualizadas e fragmentadas.” (Demo, 1998 apud Volkweiss, 2019, p. 03)

Para os educandos que tinham dificuldades de adaptação no ensino tradicional, geralmente procuravam um curso profissionalizante contextualizado no puro ensino, sem nenhum desenvolvimento humano. Desse modo, o afirma-se que o professor era o centro de todo processo educativo, exclusivamente destinado à transmissão de conteúdo, visto com a “divindade da educação” o doutor de toda a sapiência incontestável. A experiência que o educando deve vivenciar, é ter aproximação ao acesso democrático, conhecimentos, dinamização de diálogos e experiências, ideias, possibilitando na condução ao conhecimento do mundo físico e social. Como caracteriza Volkweiss (2019):

“A escola é o espaço de procura e experimentação em que o jovem vai exercitar sua autonomia, ainda que relativa, em relação ao mundo adulto. Portanto, educar de forma que o estudante seja protagonista de sua aprendizagem é criar espaços para que ele possa empreender, nele próprio, a construção de seu ser. (Volkweiss, 2019, p. 05).

A escola se torna um lugar, onde se raciocina, cujo ambiente convenientemente disciplinado para o educando não se dispersar, de tal forma que o interesse seja dos alunos em geral, o ensino aberto para eles, condiz na necessidade de irem atrás e demonstrarem essa vontade de aprender. Dessa maneira, podemos afirmar que o ensino tradicional está direcionado a uma pedagogia baseada em verdades impostas pelos professores para com os educandos através do ensino conteudista. Essa articulação de ensino era basicamente focada nos valores tradicionais, cujo intuito, de prepará-los para a vida. Por sua vez, o ensino tradicional não se voltava ao educando, pois ele não podia contestar e nem levantar opiniões. A função de aprendizagem do educando, exercia a função crua e decorativa e o professor de transmitir o conhecimento de forma direta.

A falta de dinamismo, fazia com que certos alunos aprendessem e outros não, já que a capacidade de aprendizagem varia entre as pessoas, pois cada um tem sua forma de aprender. Nesse contexto educacional o processo de educação que deveria envolver professor-aluno e ensino-aprendizagem e/ou vice-versa, é falho, pois o professor é visto como um ditador em sala de aula, praticamente não há uma relação entre educador e educando. O professor é como uma máquina de repassar conhecimento, para o professor que utilizava do ensino tradicional, os educandos eram simplesmente educandos, não existindo especificidade entre os educandos.

Para os educandos que tinham dificuldades de adaptação no ensino tradicional, geralmente procuravam um curso profissionalizante contextualizado no puro ensino, sem nenhum desenvolvimento humano. Desse modo, o afirma-se que o professor era o centro de todo processo educativo, exclusivamente destinado à transmissão de conteúdo, visto com a “divindade da educação” o doutor de toda a sapiência incontestável. A experiência que o educando deve vivenciar, é ter aproximação ao acesso democrático, conhecimentos, dinamização de diálogos e experiências, ideias, possibilitando na condução ao conhecimento do mundo físico e social. Como caracteriza Volkweiss (2019):

“A escola é o espaço de procura e experimentação em que o jovem vai exercitar sua autonomia, ainda que relativa, em relação ao mundo adulto. Portanto, educar de forma que o estudante seja protagonista de sua aprendizagem é criar espaços para que ele possa empreender, nele próprio, a construção de seu ser. (Volkweiss, 2019, p. 05).

A escola se torna um lugar, onde se raciocina, cujo ambiente convenientemente disciplinado para o educando não se dispersar, de tal forma que o interesse seja dos alunos em geral, o ensino aberto para eles, condiz na necessidade de irem atrás e demonstrarem essa vontade de aprender. Dessa maneira, podemos afirmar que o ensino tradicional está direcionado a uma pedagogia baseada em verdades impostas pelos professores para com os educandos através do ensino conteudista. Essa articulação de ensino era basicamente focada nos valores tradicionais, cujo intuito, de prepará-los para a vida. Por sua vez, o ensino tradicional não se voltava ao educando, pois ele não podia contestar e nem levantar opiniões. A função de aprendizagem do educando, exercia a função crua e decorativa e o professor de transmitir o conhecimento de forma direta.

Alguns professores na rede de ensino, ainda utilizam desse método de ensino, permanecendo raízes amargas do passado sendo utilizadas no presente. Dessa forma, Denise Leão (1999) afirma:

“Não é falso afirmar que o paradigma de ensino tradicional foi um dos principais a influenciar a prática educacional formal, bem como o serviu como referencial para os modelos que o sucederam através do tempo. Interessante é perceber que a escola tradicional, continua em evidência até hoje.” (Leão, 1999, p. 188)

Nesse sentido, apesar da crescente evolução no âmbito educacional e também no ensino, o ensino tradicional, presentemente, serve-se como um pilar da prática educacional. Como um referencial, como um modelo que se vem se perpetuando no decorrer do tempo. Sabemos que muitos fatores foram modificados, seja nas leis/regimentos, em novas propostas de ensino/aprendizagens, e entre outros avanços, que proporcionaram novas práticas educacionais.

Porém, ainda existem raízes que são utilizadas através do modelo tradicional de ensino, atualmente. Segundo Duarte (2018) “O processo pedagógico precisa-se comunicar com essa nova realidade, adotando metodologias mais participativas que transformem os alunos em seres mais pensantes e mais ativos, com aulas mais voltadas para o aluno do que para os conteúdos.” (Duarte, 2018, p.9). Essa nova realidade condiz em transformações progressistas, no qual a educação possa acompanhar a mesma evolução com a sociedade, possibilitando um dinamismo com a escola e práticas pedagógicas, contextualizadas na prática de ensino e na aprendizagem dos alunos.

Escolas engessadas pelo rigoroso modelo tradicional de ensino não são atrativas para as novas gerações de alunos, pois a avanço tecnológico se tornou a principal ferramenta no atual mundo moderno. Dar continuidade ao modelo tradicional de ensino, possibilita o atraso na evolução educacional e das práticas pedagógicas, afetando diretamente no ensino e aprendizagem, se tornando enrijecidos. Duarte (2018), expõe da seguinte forma:

“O aluno não quer mais vestir a roupagem de aluno que apenas coleciona a informação a ele repassada, não assumindo o caminho de sua aprendizagem com questionamentos e problematizações. Esse aluno passivo não tem dúvida, não interfere no curso da aula ministrada. O modelo que está em xeque valoriza como “bom” aluno aquele que não questiona seu mestre, que não checa o conhecimento do professor, que não dá trabalho. Nesse modelo tradicional, os planos e materiais didáticos feitos pelo professor em um anopodem e, comumente são reutilizados de forma mecânica para as turmas vindouras sem serem atualizados ou terem contribuições incorporadas dos discentes.” (Duarte, 2018, p. 10).

Freire (1996), ainda ressalta:

“Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social



e histórico, como ser pensante, comunicante” (Freire, 1996, p.22)

Mediante esses contextos, podemos afirmar que o ensino tradicional inconsolidava as condições que os educandos possam deixar de ser passivos para serem pessoas ativas, pensantes e autocríticas. Docente não está para ditar as regras e só transferir conhecimento para os alunos em sala de aula, mas sim, serem mediadores e instigadores, para que assim, os alunos possam refletir, pensar, criar possibilidades, discutir experiências e estar envolvidos na construção do seu próprio conhecimento. As escolas e os modelos de ensino possam ser atrativos, com acesso a materiais didáticos diversificados e atualizados, como também articular práticas pedagógicas que favoreçam experiências pedagógicas inovadoras propiciando no desenvolvimento da aprendizagem.

A falta de dinamismo, fazia com que certos alunos aprendessem e outros não, já que a capacidade de aprendizagem varia entre as pessoas, pois cada um tem sua forma de aprender. Nesse contexto educacional o processo de educação que deveria envolver professor-aluno e ensino-aprendizagem e/ou vice-versa, é falho, pois o professor é visto como um ditador em sala de aula, praticamente não há uma relação entre educador e educando. O professor é como uma máquina de repassar conhecimento, para o professor que utilizava do ensino tradicional, os educandos eram simplesmente educandos, não existindo especificidade entre os educandos.

Portanto, pode-se afirmar que nesta pedagogia, há uma redução do processo educativo, exclusivamente uma de suas dimensões: a dimensão do saber. Mesmo com a pedagogia tradicional tendo várias falhas e defeitos, não há como não dizer que não há pontos positivos nela, fato este que faz com que perdure até hoje algumas marcas dessa educação. Esta pedagogia trazia ao indivíduo uma capacidade decorativa imensa, já que era à base da aprendizagem. Outro fator importante, a força de determinação imposta pelo professor ao educando, caracterizando praticamente na obrigação para ter disciplina. Não se tinha preocupação de possíveis traumas no educando, a partir disso, ser forte e disciplinado era necessário.

As situações sociais muitas vezes afetam diretamente no âmbito escolar, principalmente no contexto dominado pelo fanatismo religioso, político e econômico, nos quais as pessoas eram educadas a seguirem determinados parâmetros sociais, condicionando seres humanos responsáveis, moralmente fortes e preparados para a vida. Entretanto, podemos dizer que em alguns aspectos minimalista que sejam, a pedagogia tradicional ainda se perpetua presentemente na educação.

Portanto, a educação brasileira necessita de práticas pedagógicas que não sejam de forma provisória, e sim, que abrace um plano fundamentado com novas atualizações e perspectivas, pois ela sempre deve estar unida e atenta aos novos reflexos sociais, políticos, culturais e tecnológicos. Direta ou indiretamente, trazem influências no contexto educacional. Vale também salientar, que não só o professor, como todo o corpo pedagógico escolar, deve estar antenado aos processos de ensino/aprendizagem, educador/educando, para que essas relações possam ser proporcionadas de forma mais humana e estratégica. O professor não deve se limitar a ser o mediador do conhecimento, e sim exercer ações pedagógicas que sejam atribuídas em seu ensino, enfatizando a socialização, a interdisciplinaridade, o uso das tecnologias, a aprendizagem contemporânea e torna os educandos como protagonista de todo processo, permeando todo trabalho pedagógico voltado a aprendizagem dos educandos e contribuindo na formação de uma sociedade pensante

## CONTEXTUALIZAÇÃO DA PEDAGOGIA FREIRIANA NA EDUCAÇÃO

Na contextualização da obra *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire, podemos acrescentar algumas reflexões sobre a influência e o legado dessa obra na educação contemporânea, bem como sua relevância para os desafios enfrentados pelos educadores e pela sociedade atualmente. É importante ressaltar que, desde sua publicação, *Pedagogia da Autonomia* tem sido amplamente estudada e debatida não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. A obra de Freire transcende fronteiras geográficas e culturais, inspirando educadores em diferentes contextos e realidades educacionais.

Além disso, *Pedagogia da Autonomia* é frequentemente citada como uma referência fundamental para repensar os fundamentos e as práticas da educação em um contexto marcado por rápidas mudanças sociais, tecnológicas e culturais. Freire propõe uma abordagem pedagógica que valoriza a autonomia, o diálogo e a práxis como instrumentos essenciais para a formação de cidadãos críticos, ativos e participativos.

No cenário atual, em que a educação enfrenta desafios como a exclusão social, a desigualdade de oportunidades e a falta de engajamento dos estudantes, as ideias de Freire continuam a ser uma fonte de inspiração e orientação para educadores comprometidos com uma prática educativa mais inclusiva, democrática e humanizadora. “É exatamente nesse sentido que devemos considerar as experiências sociais acumuladas de cada aluno e seu contexto social, de modo a construir a partir daí, um ambiente escolar acolhedor em que o aluno se sinta parte do todo e esteja totalmente aberto a novas aprendizagens.” (Bulgraen, 2010, p. 33)

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), o enfoque social oferecido aos processos de ensino e aprendizagem traz para a discussão pedagógica aspectos de grande relevância, em particular no que se refere ao modo como se devem entender as relações entre desenvolvimento e aprendizagem, à relação interpessoal nesse processo, à relação entre educação e cultura, ao papel da ação educativa ajustada às situações de aprendizagem e às características da atividade mental construtiva do aluno em cada momento de sua escolaridade.

Assim, ao contextualizar a obra *Pedagogia da Autonomia*, é importante destacar não apenas seu impacto no passado, mas também sua relevância para os debates e as práticas educacionais contemporâneas.

A obra de Freire permanece como um farol de esperança e um convite à reflexão sobre o papel da educação na construção de um mundo mais justo, igualitário e solidário. No contexto da obra *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire expande suas reflexões sobre a prática educativa, oferecendo orientações valiosas para educadores comprometidos com a formação de sujeitos autônomos e críticos. Publicado em 1996, o livro surge em um momento de questionamento sobre os rumos da educação e da sociedade brasileira, marcado por desafios e transformações políticas, econômicas e culturais.

Ao longo da obra, Freire defende a importância da autonomia do educando e do educador como elemento central do processo educativo. Ele argumenta que a verdadeira educação não se limita à transmissão de conteúdo, mas busca desenvolver a capacidade dos estudantes de pensar criticamente, questionar, investigar e transformar a realidade em que estão inseridos. Partindo de sua experiência como educador e de sua visão humanista e libertadora, Freire apresenta princípios

e práticas fundamentais para uma educação libertadora e democrática. Nesse sentido, o ensino tem, portanto, de acordo com Libâneo (1994), como função principal garantir o processo de transmissão e assimilação dos conteúdos do saber escolar e, através desse processo, o desenvolvimento das capacidades cognoscitivas dos alunos, de maneira que, o professor planeje, dirija e comande o processo de ensino, tendo em vista estimular e suscitar a atividade própria dos alunos para a aprendizagem.

Paulo Freire destaca a necessidade de respeitar a autonomia dos educandos, reconhecendo seus saberes prévios e incentivando sua participação ativa no processo de aprendizagem. Além disso, enfatiza a importância do diálogo como instrumento essencial para a construção do conhecimento e para o fortalecimento da relação entre educador e educando. Freire (1996) ressalta que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, pois somente quem reconhece e valoriza o conhecimento do educando pode contribuir para sua transformação por meio de uma prática educativa emancipadora. Segundo o autor, o diálogo é fundamental na prática educativa libertadora, pois é por meio dele que os sujeitos se reconhecem como seres inacabados, em constante processo de construção de si e da realidade.

Adicionalmente, Freire (1996) enfatiza que a educação não pode ser neutra, pois sempre implica uma posição política e ética diante da realidade. O educador deve estar consciente de sua responsabilidade social e comprometido com a transformação da sociedade. Para ele, a autonomia não é um presente dado, mas um direito conquistado. Cabe ao educador criar as condições para que os educandos exerçam sua autonomia e se tornem sujeitos críticos e conscientes de sua própria história. A ética na educação, segundo Freire (1996), vai além de um conjunto de normas e regras; ela implica uma postura ética diante da vida, fundamentada na solidariedade, no respeito à diversidade e na defesa dos direitos humanos. Freire ressalta que o diálogo autêntico não pode ser impositivo, mas sim dialógico, permeado pela escuta atenta, pelo respeito mútuo e pela abertura ao aprendizado mútuo.

Ele acredita que é por meio do diálogo que os sujeitos se reconhecem como seres inacabados, em constante processo de construção de si e da realidade. Outro ponto essencial na Pedagogia da Autonomia é a valorização dos saberes prévios dos educandos.

Freire (1996) enfatiza que os alunos não são meros receptores passivos de conhecimento, mas sujeitos ativos e construtores de sua própria aprendizagem. O educador deve reconhecer e valoriza os saberes populares, culturais e experienciais dos alunos, integrando esses conhecimentos ao processo educativo de forma crítica e reflexiva.

Além do exposto, Freire destaca a importância da práxis pedagógica, ou seja, da ação-reflexão-ação, como elemento central do processo educativo. Ele argumenta que a prática educativa deve ser orientada pela reflexão crítica sobre a realidade, visando à transformação social e à promoção da justiça e da igualdade. Nesse sentido, o educador deve estar sempre atento às dimensões políticas, éticas e sociais de sua prática, buscando constantemente aprimorar sua atuação e seu compromisso com uma educação libertadora e emancipatória.

Portanto, o livro "Pedagogia da Autonomia" de Paulo Freire se destaca como uma obra fundamental para repensar os fundamentos e as práticas da educação, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática. Sua relevância perdura até os



dias atuais, inspirando novas gerações de educadores e alimentando o debate sobre os desafios e as possibilidades da educação.

Isso destaca a importância de envolver os alunos em experiências de aprendizados significativos que os conectem com a realidade e os capacitem a agir como agentes de mudanças em suas comunidades. Jean Piaget, no livro *The Language and Thought of the Child*, aborda que "o principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram" (Piaget, 1926, p.15). Evidenciando a necessidade de uma abordagem educacional que promova a criatividade e a inovação. As ideias de Piaget sobre a importância de criar pessoas capazes de fazer coisas novas, destacam a necessidade de uma abordagem educacional que promova a criatividade, o pensamento crítico e a resolução de problemas. Isso implica em dar aos alunos a liberdade e o apoio necessários para explorarem suas próprias ideias e perspectivas, em vez de simplesmente reproduzir informações pré-existentes.

Lev Vygotsky, em seu livro *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes*, destaca que "a aprendizagem é mais do que a aquisição de capacidades úteis; é a aquisição de um self pelo outro, de uma identidade cultural" (Vygotsky, 1978, p.45). As contribuições de Vygotsky ressaltam a importância da interação social no processo de aprendizagem. Isso sugere que os alunos se beneficiam ao trabalhar em colaboração com seus pares e com seus professores, compartilhando ideias, construindo conhecimento coletivamente e desenvolvendo uma compreensão mais profunda dos conceitos.

Pedro Demo, no livro *Educação e conhecimento: aproximações necessárias*, argumenta que "educação é mais do que instrução, é processo permanente e intencional de convivência social, de interação humana" (Demo, 1994, p.32), sublinhando a relevância das relações interpessoais na educação. Pedro Demo reforça a ideia de que a educação vai além da mera instrução, enfatizando a importância das relações interpessoais e da convivência social no processo educacional. Isso destaca a necessidade de criar ambientes de aprendizado inclusivos e acolhedores, nos quais os alunos se sintam valorizados e apoiados em sua jornada de desenvolvimento de aprendizagem.

A pedagogia Freiriana, enraizada nos princípios da conscientização, autonomia e práxis, propõe uma abordagem participativa da educação, nos quais professores e alunos estão envolvidos em um diálogo crítico e reflexivo. Freire (1996) enfatiza a interdependência entre ensinar e aprender, destacando que ambos os processos estão intrinsecamente ligados e os sujeitos envolvidos não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina também aprende ao ensinar, e quem aprende também ensina ao aprender. (Freire, 2020, p 25). Essa interdependência entre educadores e educandos resalta a importância do diálogo e da troca de experiências na prática educativa.

Da mesma forma, as ideias de Hannah Arendt sobre a importância do espaço público e do diálogo na formação de cidadãos responsáveis, ressoam profundamente com a necessidade de promover uma cultura de participação e engajamento na sala de aula. Arendt (1958) enfatiza que os espaços públicos são fundamentais para a interação social e o intercâmbio de ideias, promovendo assim, uma esfera de diálogo e participação cívica. Ao criar espaços de encontro de diferentes perspectivas, podem ser compartilhadas e debatidas, os professores podem cultivar um senso de pertencimento e responsabilidade cívica, entre seus alunos.

Por fim, Antonio Nóvoa, no livro: *Os professores e a sua formação*, defende que "a escola é o lugar onde se constrói um conhecimento elaborado, crítico, e é também o lugar onde se aprende a conviver com a diferença" (Nóvoa, 1992, p.102), destacando o papel fundamental da escola na formação de cidadãos críticos e conscientes. As ideias de Nóvoa sobre a construção do conhecimento crítico e a convivência com a diferença, destacam a importância de promover uma educação que prepare os alunos para viverem em uma sociedade plural e diversificada. Isso implica em cultivar um ambiente escolar possibilitando todas as vozes que sejam ouvidas e respeitadas, e que os alunos se sintam capacitados a expressar suas próprias ideias e opiniões.

As citações desses renomados educadores destacam a importância do protagonismo docente e da participação ativa dos alunos no processo educativo. Elas ressoam com a ideia de que a educação vai além da mera transmissão de conhecimento; ela é um processo dinâmico e interativo, no qual tanto os professores quanto os alunos desempenham papéis ativos e colaborativos. Além das questões institucionais e conceituais, é fundamental abordar os desafios e oportunidades presentes em contextos socioeconômicos diversos. Disparidades de recursos, acesso desigual à educação de qualidade e barreiras linguísticas e culturais são apenas alguns dos obstáculos enfrentados por educadores e alunos em diferentes regiões e comunidades.

Além disso, é essencial considerar o papel das políticas educacionais na promoção ou limitação do protagonismo docente. Políticas governamentais relacionadas à formação de professores, financiamento da educação e avaliação do desempenho escolar, têm um impacto significativo na autonomia e na capacidade dos professores de inovar em suas práticas pedagógicas.

A colaboração interdisciplinar surge como outro aspecto crucial na promoção do protagonismo docente. Parcerias entre professores de diferentes disciplinas e profissionais de áreas relacionadas, como psicologia, assistência social e saúde, podem oferecer suporte abrangente aos alunos e promover abordagens educacionais positivas. A integração de conhecimentos e recursos de diversas áreas enriquece a experiência educacional e capacita os professores a atenderem às necessidades variadas de seus alunos.

O uso estratégico da tecnologia na educação pode desempenhar um papel fundamental na promoção do protagonismo docente. Ferramentas digitais, como plataformas de ensino online, aplicativos educacionais e recursos de realidade virtual, têm o potencial de facilitar a comunicação, colaboração e personalização da aprendizagem. Ao capacitar os alunos a explorarem ativamente os conceitos e construir seu próprio conhecimento, a tecnologia pode ampliar as possibilidades de engajamento e participação na sala de aula. "Um estudante autônomo é aquele capaz de pensar, agir, transformar, de decidir por si próprio acerca dos seus atos e escolhas de assumir a responsabilidade, de se assumir enquanto sujeito social." (Volkweiss, 2019, p.4)

Portanto, uma abordagem abrangente dos desafios e perspectivas do protagonismo docente requer uma análise crítica e contextualizada das questões institucionais, socioeconômicas, políticas e tecnológicas que moldam o ambiente educacional. Ao reconhecer e enfrentar esses desafios de maneira colaborativa e inovadora, podemos promover uma educação mais democrática, inclusiva e transformadora para as gerações futuras.

Salientando também que o professor protagonista é aquele que trilha o seu próprio processo de aprendizado, libertando-se das amarras do ensino tradicional. O professor protagonista busca métodos e novidades, se mantendo sempre atualizado, para possibilitar no enriquecimento de suas

práticas pedagógicas e nas utilizações de metodologias inovadoras. Apesar disso, no contexto escolar, sempre vão existir novos desafios e problematizações no âmbito educacional, para driblar esses obstáculos, o docente deve-se manter a cabeça erguida e articular novas medidas para sanar as adversidades, assumindo novos projetos e agir com entusiasmo, propiciando efetivar com excelência sua missão. Portanto, o professor é protagonista no processo de ensino e o educando protagonista de sua aprendizagem, ambos se complementam.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao fim do nosso trabalho, que teve como perspectiva a imersão meticulosa dos conceitos educacionais de Paulo Freire, imergimos em contextos bibliográficos, tornando o protagonismo docente como viés principal de nossos estudos. Dessa maneira, no desfecho de nossa pesquisa, pode-se afirmar que a pedagogia do ensino tradicional, há uma redução do processo educativo, exclusivamente, uma de suas dimensões: a dimensão do saber. Mesmo com a pedagogia tradicional tendo várias falhas e defeitos, não há como não dizer que não há pontos positivos nela, fato este que faz com que perdure até hoje algumas marcas dessa educação.

Desse modo, sabe-se que a pedagogia tradicional vive até hoje em pequena escala, sua raiz foi de uma força muito grande e mantém essas influências até hoje, sejam elas boas ou más, boas no sentido disciplinar e cognoscitivo do aluno, má na questão psicológica e bruta do ensino sem emoção e sem relação entre professor e aluno, complementando com a falta de dinamismo e o excesso de conteúdo.

A nossa pesquisa constatou que a importância da autonomia do educando e do educador como elemento central do processo educativo, afirma-se que a verdadeira educação não se limita à transmissão de conteúdo, mas busca desenvolver a capacidade dos estudantes de pensar criticamente, questionar, investigar e transformar a realidade em que estão inseridos. A obra de Freire permanece como um farol de esperança e um convite à reflexão sobre o papel da educação na construção de um mundo mais justo, igualitário e solidário.

Vale ressaltar, na visão de Paulo Freire, o destaque a necessidade de respeitar a autonomia dos educandos, reconhecendo seus saberes prévios e incentivando sua participação ativa no processo de aprendizagem. Além disso, enfatiza a importância do diálogo como instrumento essencial para a construção do conhecimento e para o fortalecimento da relação entre educador e educando.

É essencial considerar o papel das políticas educacionais na promoção ou limitação do protagonismo docente. Políticas governamentais relacionadas à formação de professores, financiamento da educação e avaliação do desempenho escolar, têm um impacto significativo na autonomia e na capacidade dos professores de inovar em suas práticas pedagógicas.

Portanto, diante dos resultados, uma abordagem abrangente dos desafios e perspectivas do protagonismo docente requer uma análise crítica e contextualizada das questões institucionais, socioeconômicas, políticas e tecnológicas que moldam o ambiente educacional. Ao reconhecer e enfrentar esses desafios de maneira colaborativa e inovadora, podemos promover uma educação mais democrática, inclusiva e transformadora para as gerações futuras.

## REFERÊNCIAS

ARENDRT, H. **The Human Condition**: University of Chicago Press, 1958.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, compilado até a Emenda Constitucional nº 108/2020. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020. 406 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. 3. ed. Brasília, 2001.

BULGRAEN, Vanessa C. **O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento**. Revista Conteúdo, Capivari, v. 1, n. 4, p. 30-38, 2010.

DEMO, P. (1994). **Educação e conhecimento: aproximações necessárias**. São Paulo: Cortez Editora.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 4. Ed. Campinas: Autores Associados, 1998

DEWEY, J. (1916). **Democracy and Education**. New York: The Free Press.

DUARTE, Sérgio Martins. **Os impactos do modelo tradicional de ensino na transposição didática e no fracasso escolar**. 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Fernando Pessoa (Portugal).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa**, Paz e Terra, 63<sup>a</sup> Edição – Rio de Janeiro/São Paulo, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

LEÃO, Denise Maria Maciel. **Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista**. Cadernos de pesquisa, n. 107, p. 187-206, 1999.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

NÓVOA, A. (1992). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

PIAGET, J. (1926). **The Language and Thought of the Child**. New York: Routledge.

VOLKWEISS, Anelise et al. Protagonismo e participação do estudante: desafios e possibilidades. **Educação por escrito**, v. 10, n. 1, p. e29112-e29112, 2019.

VYGOTSKY, L. S. (1978). **Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes**. Cambridge, MA: Harvard University Press.